

**A PRESENÇA DA ARTE EM ESPAÇOS DE CUIDADO DESTINADOS À CRIANÇA
E AO IDOSO: POTENCIALIDADES E AUSÊNCIAS**

**THE PRESENCE OF ART IN CARE SPACES FOR CHILDREN AND THE
ELDERLY: POTENTIALITIES AND ABSENCES**

Jessica Raminelli Kohls¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fani Conceição Adorne²
Pesquisadora independente

RESUMO

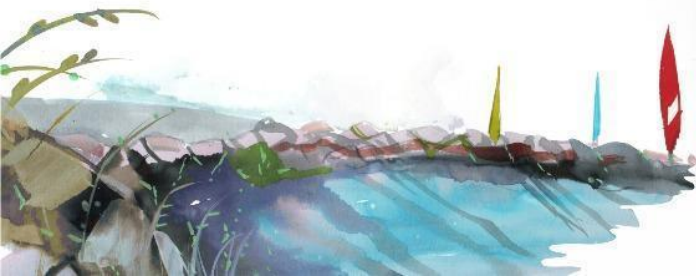
Esta pesquisa investigou o papel formativo da arte em espaços de cuidado destinados à infância e à velhice, analisando uma escola de educação infantil e um lar de idosos em Sapucaia do Sul (RS). A abordagem foi qualitativa, com observações diretas e registros fotográficos dos espaços de convivência. Utilizou-se a teoria semiótica de Greimas para compreender os sentidos produzidos pelas materialidades e disposições espaciais. Os resultados evidenciaram diferenças significativas entre os ambientes, refletindo concepções distintas sobre infância e envelhecimento. Concluiu-se que a arte pode provocar deslocamentos perceptivos e favorecer a expressão da subjetividade em espaços cotidianos.

Palavras-Chave: Arte. Infância. Velhice. Espaços de convivência. Semiótica.

ABSTRACT

This research investigated the formative role of art in care spaces for children and the elderly, analyzing a preschool and a nursing home in Sapucaia do Sul (RS), Brazil. The qualitative approach included direct observation and photographic records of communal areas. Based on Greimas' semiotic theory, the study sought to understand the meanings produced by spatial arrangements. The results revealed marked differences between the spaces, reflecting contrasting views on childhood and aging. It was concluded that art has the potential to generate new perceptions and foster subjectivity in everyday environments.

KEYWORDS: *Art; Childhood; Old age; Communal spaces; Semiotics.*



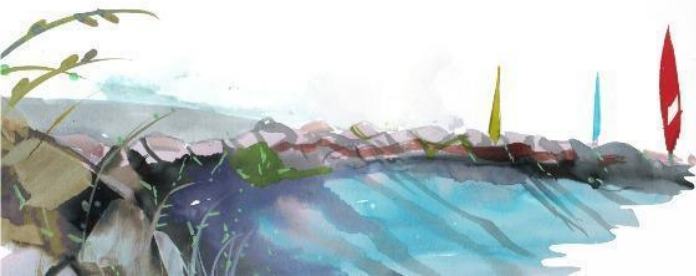
INTRODUÇÃO

Este trabalho propôs que se pensasse, com base na concepção de que a arte possui potencialidades formativas e pode influenciar a constituição de um sujeito, possíveis desdobramentos para os espaços onde a arte ocorre. A ideia foi problematizar a percepção de que o espaço é apenas um local de ocorrências, para pensá-lo em suas potencialidades e ausências. Tanto as potencialidades quanto as ausências, que foram discutidas ao longo deste trabalho, produziram sentidos que tendem a ser invisibilizados no cotidiano. Os espaços escolhidos para essa reflexão foram uma escola infantil e um lar de idosos.

A intenção foi estabelecer uma comparação entre esses dois espaços, buscando compreender o que eles propiciaram em termos de interações e possibilidades para as pessoas que circulam por eles. A partir disso, procurou-se apontar quais foram as possibilidades e os estímulos à criatividade e à produção de sentidos que os espaços podem propiciar — e o que a ausência desses estímulos indicou.

Partindo da análise semiótica realizada por Ana Cláudia de Oliveira (1998, 2005), que afirmou que os espaços são carregados de significações produzidas pelas relações e interações que as pessoas estabelecem com eles, este trabalho buscou compreender como os espaços destinados ao cuidado da criança e do idoso produzem sentidos. Sentidos esses que são importantes para pensarmos como a arte intervém nesses espaços, pois a produção de sentidos se dá a partir do momento que o sujeito se conecta consigo mesmo e problematiza a respeito de valores e conceitos presentes no seu cotidiano.

Nesta investigação, utilizou-se a teoria semiótica de linha francesa como método de análise subsidiário dos espaços escolhidos para a pesquisa. Foram utilizados conceitos da semiótica discursiva desenvolvida por Algirdas Julius Greimas (1984), bem como a concepção de arte apresentada pela filósofa Nadja Hermann (2006, 2008) e pelo pesquisador da área da educação Marcos Villela Pereira (2011), para dar conta da questão de investigação.



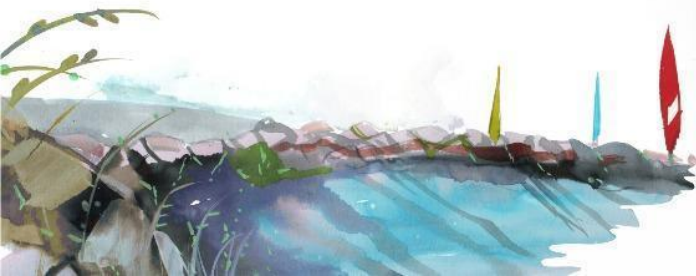
Em linhas gerais, a análise preocupou-se em descobrir possíveis semelhanças e diferenças constitutivas desses espaços, indicando suas potencialidades e ausências. Refletiu-se, assim, sobre como a arte impulsionou a produção de sentidos, alterando as relações que as pessoas estabelecem com esses espaços, possibilitando que levantassem questões e reflexões, permitindo-lhes ir ao encontro de sua subjetividade. Questões como essas nos levam a pensar sobre o mundo em que vivemos, onde a arte assume o papel de deslocar paradigmas, nos permitindo olhar além da conformidade do cotidiano encenado, e ir ao encontro da alteridade, que “[...] produz efeitos sobre nossas interpretações de mundo e no modo de pensar” (Hermann, 2006, p. 1).

Objetivos

O objetivo principal deste trabalho é compreender a potência da arte em provocar novas percepções acerca da vida, e se esse estímulo se faz presente em dois espaços diferentes destinados ao cuidado de idosos e crianças: um lar de idosos e uma escola de educação infantil, ambos situados em Sapucaia do Sul. Foram escolhidos para a observação os espaços de convivência dentro das instituições. Nossa intenção é utilizar a semiótica plástica como método de análise para compreensão dos sentidos construídos nesses espaços por suas materialidades, considerando que as atividades artísticas se desenvolvem em um espaço produtor de intencionalidades e percepções, mesmo que não sejam assumidas conscientemente pelos sujeitos responsáveis por sua configuração.

Esta pesquisa se baseia na concepção teórica desenvolvida por Hermann (2008) da arte como potencialidade formativa em diferentes períodos da vida, e na do ato de pesquisar como atitude de reflexão, que se volta para a vida, fundamentalmente para o nosso entorno.

Acreditamos que nenhuma ação acontece separadamente do espaço em que ela se situa e dos sujeitos que dela participam, por isso é necessário estudar esses locais e levantar reflexões a respeito da naturalização desses espaços. Instigar as pessoas a



pensar em encenações, naturalizações que a sociedade cria, papéis que devem ser desempenhados.

Os espaços expressam sentidos que muitas vezes são invisibilizados pelo simples fato de fazerem parte do cotidiano. Este trabalho busca trazer um olhar atento que desnaturalize esses locais. A vida não tem que ser necessariamente encenada do início ao fim.

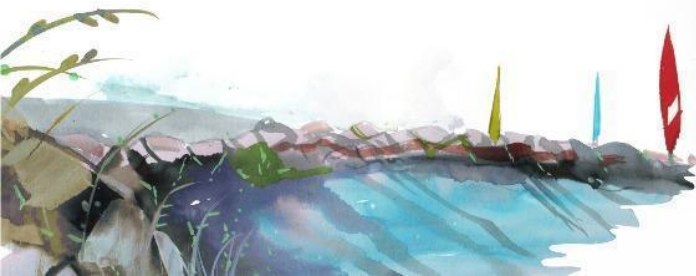
Justificativa

A principal motivação para a investigação sobre esse tema é pessoal. Temáticas envolvendo artes, formação pessoal, primeira infância, terceira idade e cotidiano sempre foram bastante relevantes para mim. Acredito que a arte desempenha um papel instigador de sentidos nos indivíduos em qualquer fase da vida e também acredito que isto ocorra dentro do seu cotidiano.

É válido ressaltar que há uma visão de pesquisa voltada para a vida cotidiana, que nos mostra outra percepção de como fazer ciência, que não segue o modelo tradicional, e move paradigmas em relação a quem e ao que se deve investigar. É dado que, muitas vezes, nos deparamos com a ciência tratando do que se deve generalizar, e não do particular, mesmo que a partir do particular seja possível levantar reflexões e propor soluções a respeito de diferentes assuntos, como aponta a concepção reproduzida a seguir:

Estudar o desenrolar da vida cotidiana, entendendo o cotidiano como uma permanente interlocução entre as diferentes instâncias permite a recombinação entre norma/modelo de exceção, ignorada pelo cientificismo, e busca fazer falar as dimensões da vida que a modernidade emudeceu. (Oliveira; Sgarbi, 2008, p. 90)

Essa concepção de pesquisa é trazida neste trabalho, pois acreditamos que é possível acontecer descobertas e aprendizagens relevantes dentro do cotidiano, conhecimentos formados a partir de experiências vividas. No centro dessa discussão está uma forma diferente de pensar a escola, como mostram os autores:



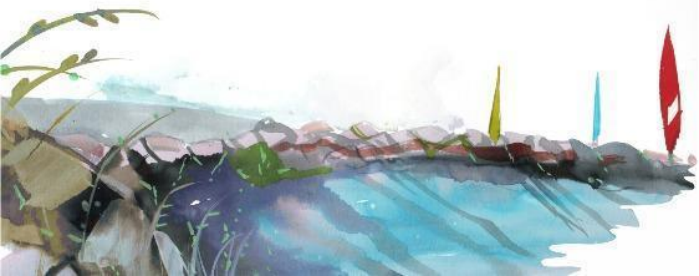
A existência de saberes diferentes nos seus modos de criação, existência e utilização, bem como o enredamento entre eles que leva à constituição das nossas redes de conhecimentos, pressupõe uma compreensão do ato educativo não apenas como transmissão e aquisição de conhecimentos, mas como um processo que remete a enredamentos, inter-relações, e negociações na constituição, na modificação e na consolidação dessas redes (Oliveira; Sgarbi, 2008, p. 91).

Esses entendimentos foram determinantes para a escolha dos locais de observação da pesquisa, são eles: uma escola de educação infantil e um lar de idosos. Inicialmente percebeu-se a importância de se pesquisar espaços em Sapucaia do Sul, principalmente em bairros periféricos. Além disso, o foco para as observações eram instituições públicas, porém esse critério não pode ser usado como base para a escolha do lar de idosos, pois não há instituições públicas destinadas aos idosos em Sapucaia do Sul. Então, procurou-se por uma casa de repouso, e ela foi escolhida com base em sua localização, a partir dos critérios expostos. Buscou-se, assim, um local que fizesse parte de minha realidade, que fosse próximo.

AUTORES E CONCEITOS

O aporte teórico da pesquisa é composto por conceitos de uma arte de viver que, segundo Hermann e Pereira, nos apresentam a potencialidade formativa que a arte pode exercer em um indivíduo. O outro conceito base usado neste trabalho vem da semiótica desenvolvida por Oliveira (1998, 2005) e Greimas (1984), que consiste no estudo dos sentidos dos espaços e suas configurações. Em relação à teoria apresentada por Hermann, ela nos mostra uma percepção alternativa a respeito da arte.

A estética traz novos momentos reflexivos a respeito de uma arte de viver que põem em xeque as normas categóricas, a priori ou obrigatórias, para construir uma forma de viver a partir da experiência, construir um saber que resulte em modificação do sujeito (HERMANN, 2013, p. 17).



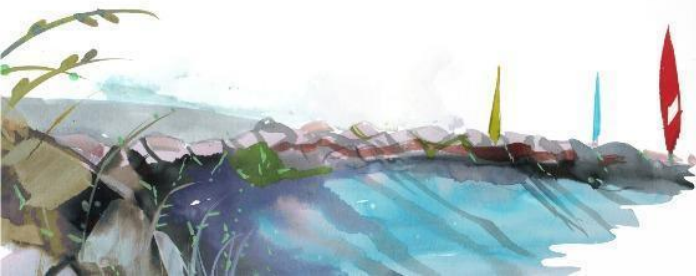
Com base nessa concepção, a pesquisa encontra-se com os conceitos de Pereira (2011), e une, assim, a arte de viver com a experiência estética de maneira a mostrar que as pessoas constroem experiências a partir daquilo que vivem. Pereira (2011, p. 115) nos diz que “[...] podemos ter experiências estéticas com relação a qualquer objeto ou acontecimento, independentemente de ser arte ou não, de ser belo ou não, de existir concretamente ou não.”

Essas teorias fundamentam nossa investigação sobre como a arte está disposta nesses espaços semióticos e como ela contribui para a produção de sentidos. A semiótica francesa é trazida neste trabalho para ser um método de investigação destes espaços, pois segundo Viana (2008), se partirmos do pressuposto de que tudo aquilo que existe no mundo emite algum significado, sentido, mensagem, entre outros, a semiótica se encarrega de investigar como essa significação é construída, que efeitos de sentido determinado objeto traz ao simples existir. E de acordo com isso, procura-se usar a semiótica nesta investigação para compreender os espaços encenados da primeira infância e da terceira idade.

No entanto, esta produção de sentidos que a arte nos propõe se dá pela existência de um sujeito da experiência, que é caracterizado por sua vulnerabilidade e abertura, e, sobretudo, por conseguir ser tanto palco quanto espectador de acontecimentos significativos. Segundo Larrosa, professor e pesquisador da educação, as experiências significativas exigem aberturas para o olhar e a escuta do entorno.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Infelizmente, a nossa sociedade vive um período que nos impossibilita ter aberturas e disponibilidades para experiências, somos estimulados apenas a estar informado/opinando acerca do que não nos passa, não nos acontece e não nos toca.



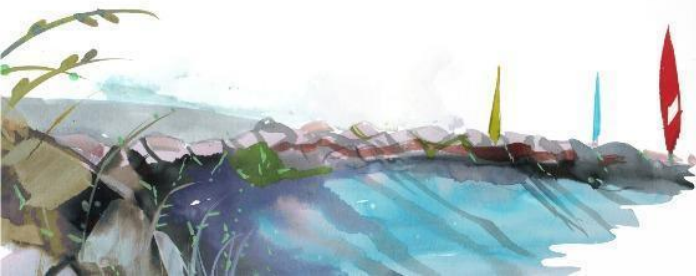
Estamos em uma era entretida, com a pouca presença de pensamentos questionadores que buscam alternativas para problemas que nos afligem.

A partir deste referencial teórico se buscou levantar reflexões a respeito de como os espaços, tidos como espaços do “cuidado”, estão dispostos para as pessoas, qual a relação que a arte pode estabelecer com eles. É possível que haja intervenções artísticas com potencialidades formadoras para esses indivíduos? Será que existe uma ética dos espaços? Qual é o lugar da estética e da arte? Será que estamos diante de algo meramente decorativo, recreativo? Ou será que ela pode impulsionar as pessoas a algo melhor no desdobrar de suas vidas?

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa baseada em observações diretas. A semiótica francesa é vista aqui como método de análise dos espaços de convivência, considerando que se trata de uma teoria de investigação do sentido dos textos por meio de sua organização. A semiótica plástica ou figurativa desenvolvida por Greimas foi usada para o entendimento dos mais diferentes tipos de espaços. Nesta pesquisa, seus conceitos foram usados para investigar o que inicialmente foram chamados de “espaços do cuidado”. Buscou-se descobrir se estes locais são realmente espaços de cuidados, que tipo de cuidado eles projetam em sua forma de organização, ou seriam eles espaços de abandono, no caso dos idosos.

Para atender a essa problematização e a outras que são trazidas neste trabalho, foram realizadas observações nos locais e feito o registro fotográfico dos espaços de convivência escolhidos para a investigação. Essas observações foram realizadas em dias e horários diferentes, para melhor desenvolvimento da investigação. Desejou-se apenas observar os espaços e fotografá-los sem a presença dos indivíduos que cotidianamente ocupam esses lugares.

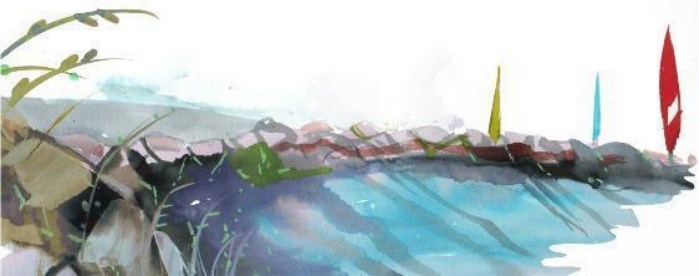


Após terem sido feitas as observações participativas e ter-se coletado o material para a análise de dados, passou-se para a segunda fase desta investigação, a análise desses dados, que foi dividida em dois momentos para que possamos trabalhar em cima do nosso olhar acostumado a (não) ver. No primeiro momento, olhamos separadamente para cada um dos espaços, e, no segundo momento, aproximamos os dois para encontrar as possíveis semelhanças e diferenças formativas por meio das suas configurações. Desse modo foi possível compreender o que está sendo encenado nesses espaços, e como as pessoas que ali estão estabelecem relações e como se portam diante dessa encenação.

O ESPAÇO E SUA CONFIGURAÇÃO

Para que a análise de dados fosse possível, foi importante a apropriação do conceito de espaços de convivência, que entendemos como sendo espaços onde se estabelecem relações diretas com o local e com as pessoas que convivem com ele. Além disso, outro entendimento necessário para a análise foi a compreensão dos planos que compõem um texto, segundo a semiótica figurativa, trazida por Pillar (2005) todo texto possui dois planos, o plano da expressão e o plano do conteúdo. O plano da expressão diz respeito às materialidades (dimensão matéria), à disposição no espaço (dimensão topológica), e às cores e formas (dimensões cromáticas e eidéticas), enquanto o plano de conteúdo é formado pelo significado, o discurso, que é feito a partir de aspectos culturais.

Além dos planos, a semiótica nos apresenta patamares, que são três níveis de aprofundamentos do sentido em um texto, o fundamental, o narrativo e o discursivo. Esses percursos geradores de sentidos vão do mais simples ao mais complexo, e por isso que ele é dividido por patamares semânticos. Gostaria de chamar a atenção para o nível discursivo, onde temos o enunciador (o organizador do espaço) e o enunciatário (as pessoas), o enunciador cria um discurso persuasivo, enquanto o enunciatário reflete a respeito e por muitas vezes, também aceita o que lhe está sendo transmitido.



O espaço da emancipação

O primeiro espaço de convivência observado foi o da Escola Municipal de Educação Infantil Hugo Gerda (EMEI Hugo Gerda), que está localizada no bairro Fortuna, um bairro periférico pertencente ao município de Sapucaia do Sul. Por meio das observações diretas, foi possível perceber que há divisões estruturais dentro do mesmo espaço. Essas observações foram registradas em fotos. A análise do espaço de convivência da escola foi organizada por sintagmas, que são conjuntos de formantes, e, deste modo, foi possível olhar atentamente para os formantes, as dimensões, do nosso objeto de estudo.

O espaço de convivência da EMEI Hugo Gerda foi dividido em três áreas. A primeira delas é a entrada da escola, onde se encontram uma guarida, um banco de madeira, três canteiros de flores e duas árvores.

Logo na entrada do prédio estamos diante uma quantidade considerável de elementos naturais (árvores, flores e folhagens), caracterizando assim o primeiro ponto de contato das crianças com o local. Esta parte do espaço é utilizada para a leitura de histórias para as crianças, essas leituras são feitas com todos os envolvidos sentados em roda no chão, sob a sombra de uma grande árvore. As fotos a seguir registram essas observações iniciais.



Imagem 1. Entrada da EMEI Hugo Gerda, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls

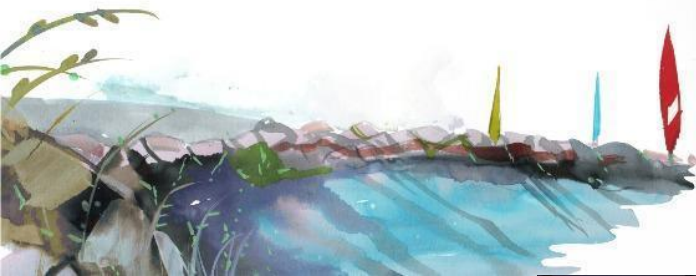


Imagem 2. Espaço utilizado para a leitura em roda, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls

A segunda divisão organizada por sintagmas foi o estacionamento da escola, que tem dois grandes canteiros de flores, que contornam toda a extensão do estacionamento, também tem três árvores. Essa parte do espaço foi pensada inicialmente para guardar os carros dos pais e funcionários da escola, porém ela foi ressignificada pela escola, e agora, o chão que é de concreto está pintado com desenhos, linhas e formas, que estimulam as crianças a interagirem com o solo e a brincar.



Imagem 3. Estacionamento da escola, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls

As imagens abaixo mostram rastros das intervenções feitas com giz pelas crianças. Pode-se perceber que esse foi um espaço ressignificado dentro da escola, o espaço não era posto com essa finalidade inicialmente, porém ele foi modificado, moldado em função das necessidades das crianças. E agora ele se encontra desta maneira e é inteiramente usado para atividades lúdicas e recreativas com as crianças.



Imagem 4. Rastros das interações das crianças com o solo, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls



Imagem 5. Rastros das interações das crianças com o solo, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls

A terceira e última parte do espaço de convivência da EMEI Hugo Gerdau é a pracinha, onde as crianças brincam com brinquedos que propiciam uma maior abertura para o lúdico. Além disso, esse espaço também possibilita o contato direto com a areia e a terra. Os formantes matéricos que compõem esse espaço são diversos, são eles: metal, madeira, areia, terra e pedras. E os formantes cromáticos, assim como os matéricos, são diversificados, podemos facilmente ver cores como vermelho, laranja, amarelo, verde e azul.

É interessante também para essa pesquisa tratar a respeito dos muros que cercam o espaço. Nesta área da escola podemos ver como os muros são altos e, além disso, ainda têm arames farpados ao seu redor, pelo lado de fora.

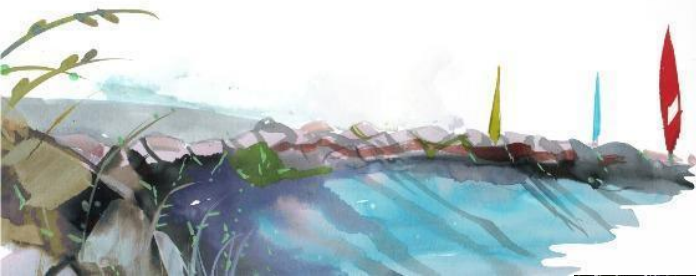


Imagem 6. Pracinha da escola, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls.

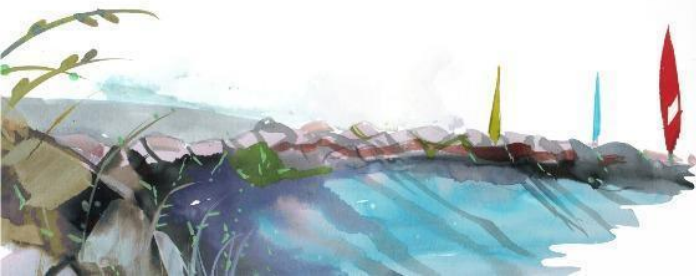
Após olharmos atentamente para cada uma das regiões do espaço de convivência da escola, é possível afirmar que o espaço como um todo é propício à produção de sentidos, a sua configuração e a disposição dos objetos fazem com que se criem espaços de emancipação e de autonomia para as crianças. Isso está de acordo com o que é defendido por Schmitz & Skrsypcsak (2015), o que mostra a importância da organização do espaço para a criança. Sua configuração contribui para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. As diferentes organizações do espaço propiciam interação entre as crianças e experiências significativas.

Além disso, elas são constantemente estimuladas pelo espaço a entrar em contato com a natureza. E esse tipo de contato é bastante importante, pois segundo os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil

A interação com o ambiente natural estimula a curiosidade e a criatividade. Sempre que for possível, deve-se prover um cuidado especial com o tratamento paisagístico, que inclui não só o aproveitamento da vegetação, mas também os diferentes tipos de recobrimento do solo, como areia, grama e caminhos pavimentados (2006, p.26 apud Schmitz; Skrsypcsak, 2015, p. 9).

É possível perceber esses cuidados na EMEI Hugo Gerdau, já que o espaço dispõe de áreas de areia, de grama e terra e áreas pavimentadas.

O espaço da dependência



O segundo espaço escolhido para a análise foi o Lar Santa Bárbara, uma casa de repouso para idosos. Esse lugar está localizado no bairro Walderez, assim como a localidade do outro espaço observado, esse também está situado em uma região periférica do município de Sapucaia do Sul. Diferentemente da Escola Infantil, o Lar Santa Bárbara é privado, pois não há lares de idosos municipais em Sapucaia do Sul.

A estrutura do espaço de convivência, diferentemente da do espaço que tem na escola infantil Hugo Gerda, não nos possibilita criar divisões a partir de classificações dos formantes que compõem o espaço. Além da territorialidade do espaço ser menor, os elementos que formam o local não são diversificados como os da escola infantil.

As dimensões matéricas presentes no espaço são concreto, cerâmica, pedra e madeira, e as dimensões cromáticas do espaço são todas em tons neutros que não contrastam entre si, são em sua maioria bege e marrom claro. Esses elementos produzem efeitos de sentido de monotonia e de estatismo, uma vez que sua disposição atende a uma função quase exclusivamente utilitária, sem nenhuma preocupação com momentos de interação com o espaço e com as outras pessoas que estão ali. As fotos a seguir ilustram as observações feitas.



Imagem 7. Espaço de convivência do Lar Santa Bárbara, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls.



Imagem 8. Canteiro de flores, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls.

No entanto, mesmo que o espaço dos idosos não seja estimulante, eles buscam trazer novas possibilidades. Exemplo disso foi a oficina de pintura feita com eles. A atividade consistia em pintar o que eles quisessem ver, sentir e que estivesse próximo. Muitos deles pintaram árvores, alguns desenharam também casas e outros apenas grandes árvores verdes. O que isso pode nos dizer? Essa manifestação artística nos mostra o quanto eles necessitam ter momentos de interação com a natureza, e de intervenções artísticas neste espaço. Todo o local é carente de natureza. As fotos a seguir mostram pinturas realizadas pelos idosos na oficina de pintura.



Imagem 9. Pintura feita em uma oficina com os idosos, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls.

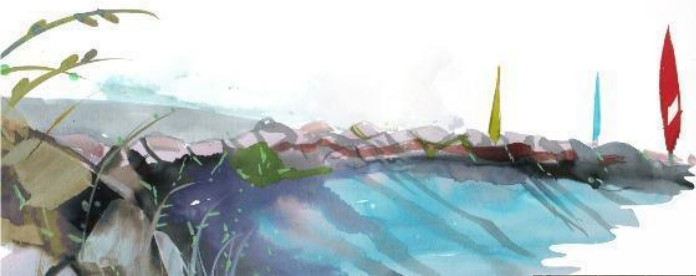


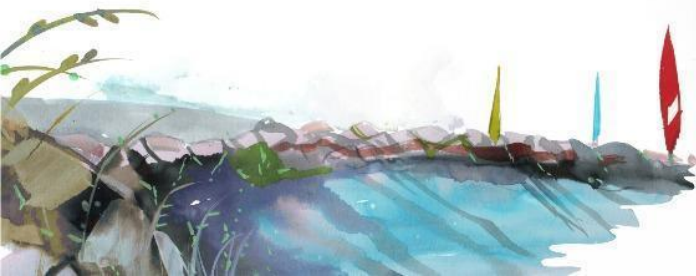
Imagem 10. Quadro pintado por uma idosa na oficina, 2017. Fotografia digital: Jessica Kohls.

NOTAS FINAIS

Podemos dizer que vivemos em uma sociedade encenada, composta por significações e simbologias que nos fazem (não) ver muitas construções feitas em nosso cotidiano. Estas encenações são construídas e naturalizadas. Nos opostos da nossa vida, temos, de um lado, a primeira infância e, no outro, a velhice. Enquanto a extremidade inicial é bastante explorada e estimulada a usar a criatividade, a outra permanece em um estatismo e num repouso constante.

Se aproximarmos os espaços de encenações da infância e da velhice será possível perceber que há muita preocupação para que haja momentos emancipatórios na infância, enquanto na velhice é perceptível a ausência desses elementos, que passam segurança, conforto e confiança para uma pessoa.

A nossa análise aponta que os espaços de convivência são construídos conforme um tipo de compreensão sobre o ser criança e o ser idoso. Nas imagens colhidas na escola infantil, predomina o verde e o contato com a natureza, é um espaço propício à interação com objetos lúdicos de forma a estimular a criatividade e a autonomia. Diferentemente do lar de idosos em que predomina o concreto e a cerâmica, tendo apenas um pequeno canteiro de flores no pátio, o que leva ao estatismo, consoante com a ideia de repouso, diferentemente do pátio da escola infantil, onde há diversos canteiros de flores e a atividade e a interação estão presentes de forma potencial.



Entretanto, isso não significa que o espaço de convivência do Lar Santa Bárbara não possa levar as pessoas ao encontro de suas subjetividades e a reflexões acerca da vida e do seu entorno, porque embora seja um ambiente monocromático e duro por suas materialidades, ele não impediu as pessoas de buscar soluções para essa falta de interações com a natureza.

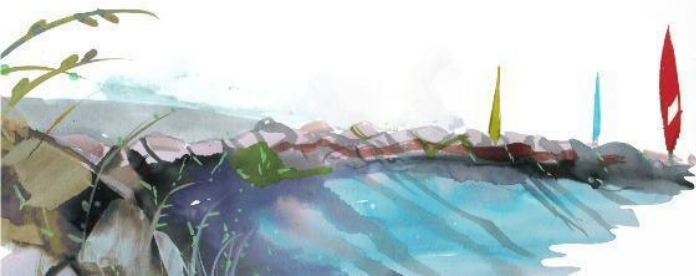
Pode-se, assim, encontrar indícios de arte em nós, todos os dias, rastros no cotidiano deixados por nossas palavras, e gestos. E deste modo, é possível dizer que a arte que cada um de nós carrega pode vir a ser um reflexo dos nossos desejos e de nossas necessidades, que são silenciados por nós mesmos. Através da arte nós podemos exercitar a liberdade, expressar as nossas angústias e as nossas alegrias e isso é algo que deve ser trabalhado de uma ponta a outra da vida, da infância à velhice.

Essas observações e reflexões sobre como o espaço é um agente formador de signos, de sentidos construídos por meio das relações que as pessoas estabelecem com ele, apenas reforçam a ideia de que é necessário pensar espaços que possam contribuir de maneira potencial para o desenvolvimento humano e que possibilitem às pessoas irem ao encontro da alteridade e de suas subjetividades.

Precisamos de mais espaços que possibilitem e potencializem a experiência artística que pode contribuir para um encontro com a subjetividade em lugares carregados de sentidos encenados. Como defende Hermann (2006) “A experiência estética cria um estado singular, em que algo pode se relacionar consigo mesmo, produzir um sentido, que quebra a lógica habitual”. A arte pode ser uma abertura para o olhar de crianças e idosos separados pelo tempo, mas aproximados no cotidiano. E, um novo olhar para as pessoas que estão no entorno, estamos muito distraídos, precisamos olhar além das encenações da vida.

Notas

¹Jessica Raminelli Kohls faz mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo.



Licenciada em Artes Visuais pela UFRGS (2022), Técnica em Eventos pelo IFSul - Campus Sapucaia do Sul com a pesquisa “A presença da arte em espaços de cuidado destinados à criança e ao idoso: potencialidades e ausências” (2017) com a orientação da prof^a. dra. Fani Conceição Adorne. Currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/4954212416566647>);

² Fani Adorne possui graduação em Licenciatura Plena de Letras - Unidades Integradas de Ensino Superior do Vale do Jacuí (1988), especialização em Economia da Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997) e doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2014). Docente aposentada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - Campus Sapucaia do Sul. Currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/3524354477870823>).

Referências

FAM, Beatriz. Ausência da Presença, Presença da Ausência: vestígios que não se pode apagar. Revista eletrônica Literatura e Autoritarismo - Dossiê, 2012

GREIMAS, Algirdas Julius. Semiótica Figurativas e Semiótica Plástica. Revista Brasileira de Semiótica, 1984.

HERMANN, Nadja. Ética: a aprendizagem da arte de viver. Educação e Sociedade, vol.29, n.102, p. 15-32, 2008.

HERMANN, Nadja. Ética, estética e alteridade. Grupo de Pesquisa Racionalidade e Formação. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. Visualidade, entre significação sensível e inteligível. Revista Educação e Realidade, 2005.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. A semiótica: uma outra prática do olhar na vida sociocultural. In: Nexos: Revista de Estudos de Comunicação e Educação. Universidade Anhembi Morumbi, ano III, nº 3, São Paulo. Terra, 1998.

OLIVEIRA, I. B. e SGARBI, P. Estudos do cotidiano & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEREIRA, Marcos Villela. Contribuições para entender a experiência estética. Revista Lusófona de Educação, volume 18, 2011.

PILLAR, Analice Dutra. Sincretismo em desenhos animados da TV: O Laboratório de Dexter. Revista Educação e Realidade, 2005.

SCHMITZ, Júlia; SKRSYPCSAK, Daniel. A organização dos espaços na educação infantil, 2015. Disponível em: <<http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES5.pdf>>. Acesso em 17 jul. 2025.

VIANA, Alice. Repensando a cidade contemporânea: o método da semiótica visual para a leitura de imagens. Revista Espaço Acadêmico, 2008